



Ministério da
Agricultura,
do Desenvolvimento
Rural e das Pescas

DRAEDM
Direcção Regional
de Agricultura de
Entre-Douro e Minho

ficha técnica 107

Autores

Jorge P. N. Costa - Eng.º Agrónomo
Divisão de Protecção das Culturas

Propriedade: D.R.A.E.D.M.

Edição e distribuição:
Div. Doc. Inf. e Relações Públicas

Edição on-line (2006)

O ARANHIÇO-VERMELHO

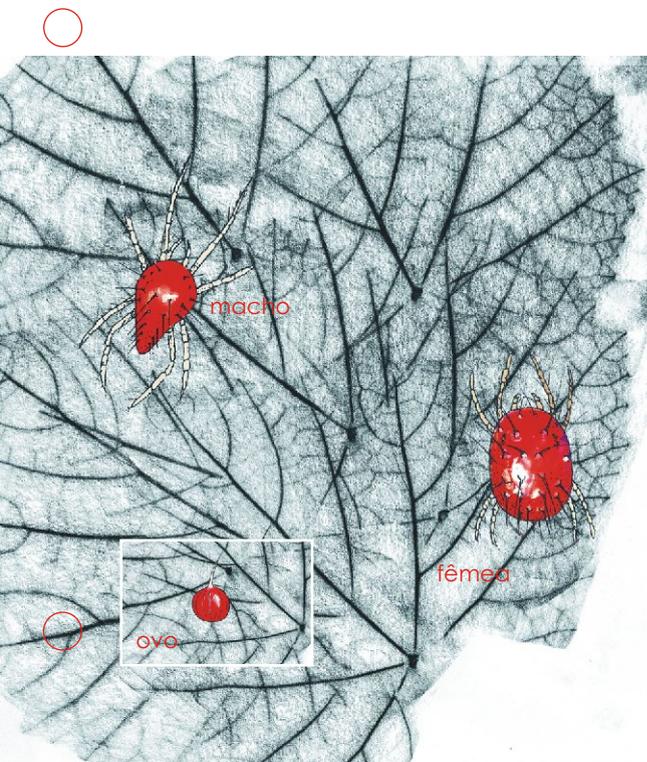
em Protecção Integrada da Vinha

O **aranhiço-vermelho** (*Panonychus ulmi*) é um ácaro, da família dos tetraniquídeos, frequente em Portugal.

Pode alimentar-se de plantas bastante diferentes, mas tem preferência por pomóideas, prunóideas e vinha.

Em condições de equilíbrio biológico, o araniço-vermelho é controlado naturalmente pelos seus antagonistas e não constitui perigo para as culturas. Porém, sempre que esse equilíbrio é quebrado, em consequência do abuso de certos insecticidas e/ou fungicidas lesivos dos auxiliares (p. e. organofosforados, piretróides ou ditiocarbamatos), as populações do araniço podem crescer descontroladamente e assumir o carácter de praga.

Assim, embora seja considerada praga secundária ou ocasional, o araniço-vermelho pode desenvolver ataques graves nas vinhas onde se verifiquem desequilíbrios biológicos.



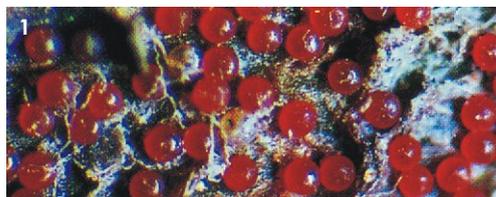
Morfologia

A **fêmea adulta** mede cerca de 0,5 mm de comprimento, tem corpo oval e globoso, vermelho a vermelho-acastanhado, com quatro pares de patas e sedas no dorso, cada uma delas implantada num tubérculo esbranquiçado.

O **macho** distingue-se da fêmea por ser ligeiramente mais pequeno e vermelho mais claro, com estreitamento da parte posterior do corpo, patas mais compridas e ausência de tubérculos na base das sedas dorsais.

Os **ovos de Inverno**, que lembram minúsculas cebolas, são esféricos, vermelho vivo e estriados, terminando numa longa arista (foto 1). As **larvas** são mais pequenas que os adultos, vermelhas-alaranjadas e com três pares de patas.

Ovos de Inverno de araniço-vermelho,
forma de hibernação do ácaro.



Biologia

Os ovos de Inverno encontram-se sobretudo dispostos em volta dos gomos e ao nível dos primeiros nós das varas (foto 2).

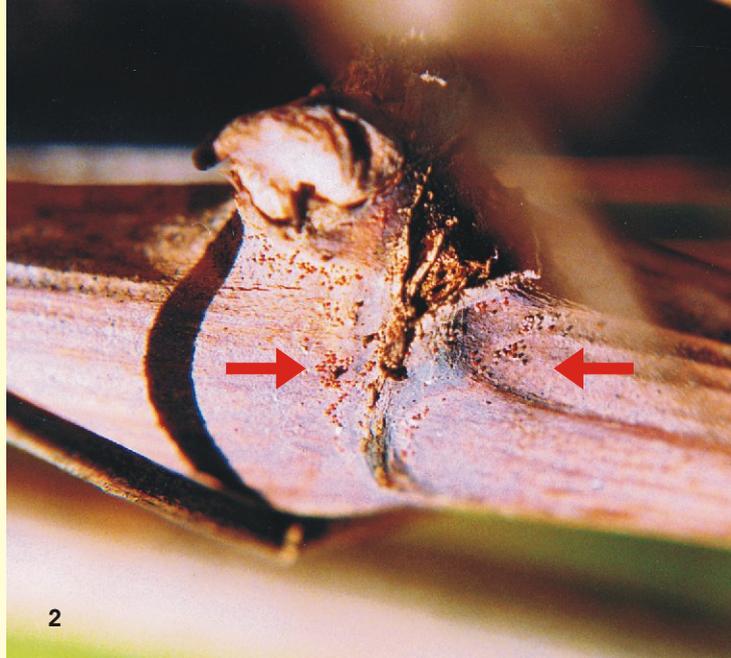
Em Março e Abril dá-se a eclosão desses ovos, de onde saem as primeiras larvas, que se dirigem imediatamente para os pâmpanos, onde crescem e sofrem mudas sucessivas até chegarem ao estado adulto.

As fêmeas adultas fazem as posturas de Primavera-Verão na página inferior das folhas, sendo aí que a população do araniço permanece durante o mesmo período, produzindo um número de gerações variável de região para região, consoante as condições climáticas (6 a 9 em Portugal).

A partir de Agosto as fêmeas dirigem-se para as partes lenhosas da videira, onde fazem as posturas de Inverno.

O araniço-vermelho é favorecido por tempo quente (temperatura média de 20-25°C) e relativamente seco (humidade relativa de 60-70%).

Temperaturas abaixo dos 8°C ou acima dos 35°C travam o seu desenvolvimento, o mesmo sucedendo com humidades relativas abaixo dos 60%. A chuva forte, sobretudo se acompanhada de abaixamento da temperatura, é desfavorável ao parasita.



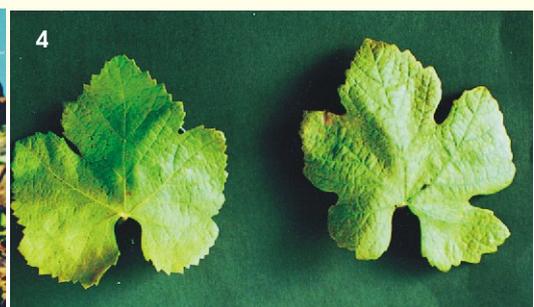
Sintomas e danos

Apenas nos casos de infestação muito intensa, associada a crescimento lento da vegetação, devido a temperaturas baixas, são perceptíveis sintomas do ataque na Primavera. A rebentação faz-se com dificuldade, ficando os pâmpanos com folhas amarelcidas e encarquilhadas, por vezes secas nas pontas. Nos casos mais graves as folhas chegam a secar e a cair.

Normalmente os ataques só são detectados em pleno Verão, por vezes quando as populações já atingiram

níveis muito elevados. As folhas das castas brancas apresentam coloração amarelo cinza ou chumbo, com aspecto bronzeado (fotos 3 e 4). Nas castas tintas produz-se avermelhamento precoce das folhas (foto 5).

Os ataques graves levam à queda prematura das folhas, que se reflecte na qualidade da produção (menos açúcares e maior acidez) e no vigor da vinha (deficiente atempamento dos sarmentos).



Estimativa de risco:

A estimativa do risco do aranhão-vermelho baseia-se na observação visual da sua presença sobre a planta. Dada a pequena dimensão do parasita, nesta observação é indispensável o uso duma lupa de bolso (6-10x).

Os principais factores de nocividade associados a esta praga, que é preciso ter em conta na estimativa do risco, são: a temperatura e a chuva; as adubações azotadas em excesso; a presença ou ausência de auxiliares; o uso, no combate a outras pragas ou doenças, de pesticidas tóxicos para os auxiliares.

1. Inverno (estado fenológico A)

Antes da poda, cortar 50 troços de vara com dois gomos cada um, entre os 5º e 8º gomos a contar da base da vara (1 ou 2 troços por videira), contando depois os ovos de Inverno depositados em torno dos gomos, no conjunto dos órgãos colhidos (se possível, a contagem deve ser feita à lupa binocular, no laboratório). Pode também contar-se, simplesmente, os gomos ocupados por 1 ovo ou mais.



A - gomo de Inverno



E - folhas livres



G - cachos separados



I - floração

2. Primavera (estados fenológicos E a G)

Observar 100 folhas de 2ª ordem (1 ou 2 por videira), contando as folhas ocupadas com 1 ou mais formas móveis (larvas, ninfas e/ou adultos).

3. Verão (a partir de Junho)

Observar 100 folhas do terço médio do sarmento (1 ou 2 por videira), contando as folhas ocupadas com 1 ou mais formas móveis.

Níveis económicos de ataque (NEA):

NEA 1. Para formas hibernantes (ovos de Inverno)

Média de 7 a 20 ovos por gomo ou 80% de gomos ocupados com 1 ovo ou mais (ver estimativa do risco 1).

NEA 2. Para formas móveis (larvas, ninfas e adultos)

60 a 70% (estados fenológicos E a G) ou 30 a 40% (a partir de Junho) de folhas ocupadas com 1 ou mais formas móveis (ver estimativas do risco 2 e 3).

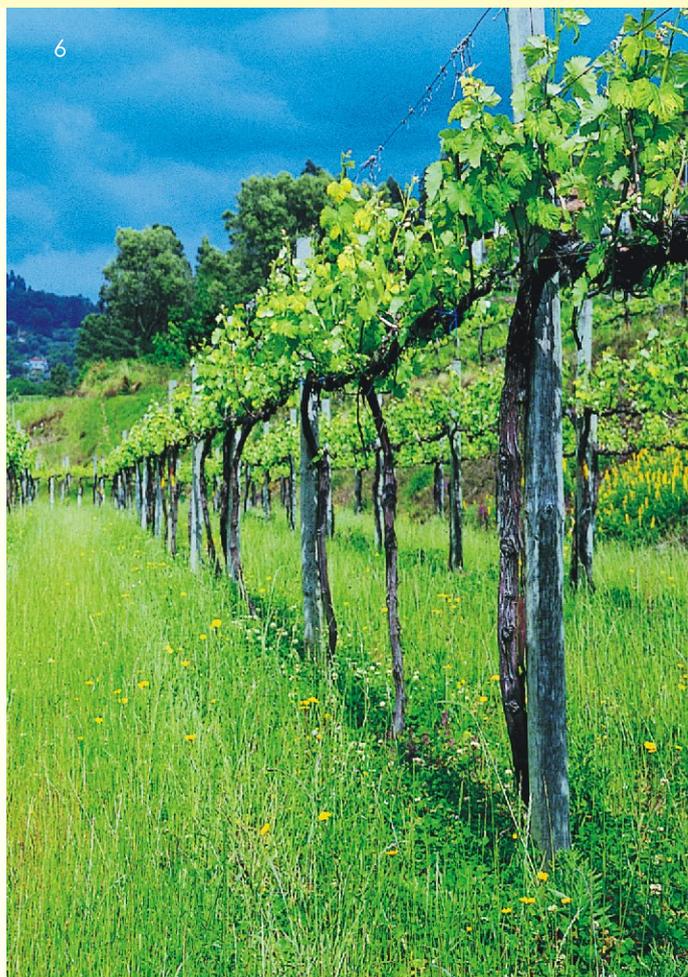
Nível económico de ataque:

intensidade de ataque dum inimigo da cultura a que se devem aplicar medidas de combate, para impedir que a cultura corra o risco de sofrer prejuízos superiores ao custo dessas medidas, acrescidos dos efeitos indesejáveis que as mesmas possam provocar.

Meios de protecção:

Para o sucesso do combate ao aranhão-vermelho é fundamental uma boa gestão da luta química contra os outros inimigos da vinha, que deve ser orientada de forma a manter em níveis elevados as populações dos ácaros e insectos predadores da praga, sobretudo as dos ácaros fitoseídeos. Sendo assim, devem cumprir-se certas normas relativas à utilização de acaricidas, insecticidas e fungicidas:

- Não utilizar pesticidas não aconselhados em protecção integrada;
- Dentro dos pesticidas aconselhados em protecção integrada, dar preferência àqueles que são recomendados, utilizando os complementares apenas como segunda opção e respeitando as limitações impostas ao seu uso;
- Fazer os tratamentos contra a traça-da-uva dirigidos exclusivamente aos cachos;
- Utilizar o enxofre na luta contra o oídio, dada a acção repulsiva que este fungicida tem sobre os ácaros.



Luta química

A luta química contra o aranhaço-vermelho só deve ser aplicada quando a estimativa de risco e o nível económico de ataque o justifiquem. Os tratamentos específicos contra esta praga, se necessários, devem ser feitos nas épocas do ano indicadas ao lado.

Os tratamentos podem ser repetidos, se necessário, 10 a 15 dias depois.

Nos casos em que é necessário fazer tratamentos específicos contra o aranhaço-vermelho, um ou dois tratamentos são habitualmente suficientes para controlar a praga.

Inverno (estados fenológicos B-C)

No início da eclosão dos ovos de Inverno, depois da poda, tratar com óleo de soja, óleo de Verão ou óleo de Verão + malatião, a alto volume, molhando bem as videiras (NEA 1). A eficácia deste tratamento é inferior à do tratamento de Primavera, pelo que muitos autores não o referem.

Primavera (estados fenológicos E-G)

Após a eclosão da maior parte dos ovos de Inverno, tratar com acaricidas específicos, tais como: cihexaestanho, dicofol, dicofol + tetradifão, fenepiroximato ou óxido de fenebutaestanho (NEA 2).

Verão (entre Junho e Agosto)

Antes do início da postura dos ovos de Inverno, tratar com acaricidas específicos (ver NEA 2). A partir de fins de Agosto os tratamentos são pouco eficazes, mesmo como forma de reduzir as infestações da Primavera seguinte.

Luta biológica

A luta biológica feita pelos predadores do aranhaço-vermelho naturalmente existentes na vinha é, quase sempre, suficiente para controlar a praga. Quando eles não estão presentes, ou são em número insuficiente, podem ser reintroduzidos na vinha, através da largada de populações criadas em massa, no laboratório, ou capturadas no campo, em locais onde existam em grande quantidade.

Os principais predadores do aranhaço-vermelho são os ácaros fitoseídeos (p. ex. *Euseyus* sp.), em especial os *Typhlodromus* spp., mas são também importantes diversos insectos, tais como antocorídeos (p. ex. *Orius* spp. e *Antochoris* spp.), mirídeos, crisopídeos e coccinelídeos (p. ex. *Stethorus punctillum*).

A prática da luta biológica é incompatível com o uso de certos pesticidas, que destroem os auxiliares, pelo que a escolha do produtos a utilizar na vinha deve ter isso em conta.

Luta cultural

No âmbito da luta cultural, com carácter preventivo, recomenda-se evitar as adubações azotadas em excesso que induzam grandes expansões vegetativas da vinha.



Para saber mais:

AMARO, P. et al. (2001): *A Protecção Integrada da Vinha na Região Norte*. Edições ISA/PRESS.

CARMONA, M. M. & DIAS, J. C. SILVA (1996): *Fundamentos de Acarologia Agrícola*. Fundação Calouste Gulbenkian.

COSTA, J. P. N. (2001): *Protecção Integrada, uma Nova Estratégia na Protecção das Plantas*. Direcção Regional de Agricultura de Entre Douro e Minho.

RIBEIRO, J. R. & GONÇALVES, M. (2000): *Protecção Integrada da Vinha Lista dos Produtos Fitofarmacêuticos e Níveis Económicos de Ataque*, 2ª ed. Direcção Geral de Protecção das Culturas.